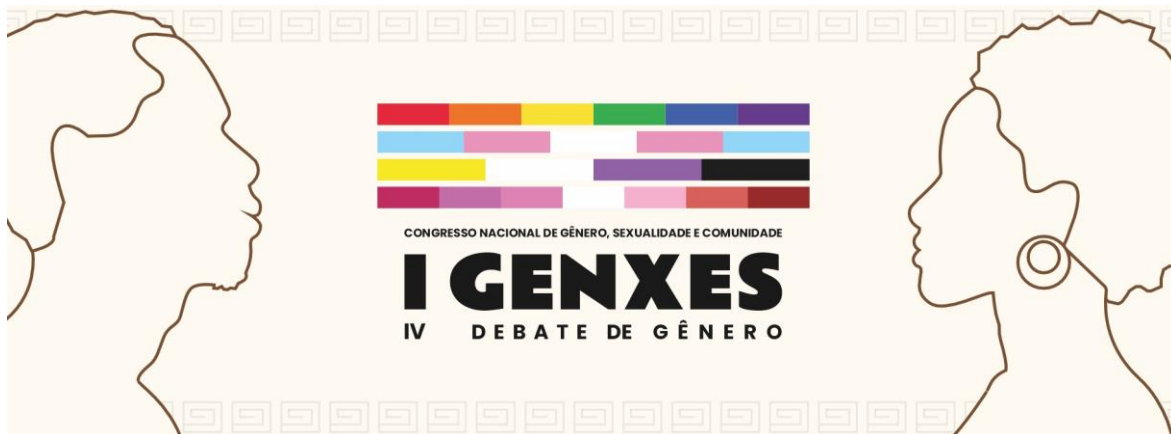




AS MULHERES E OS ESPAÇOS LITERÁRIOS

Eixo Comunitário:

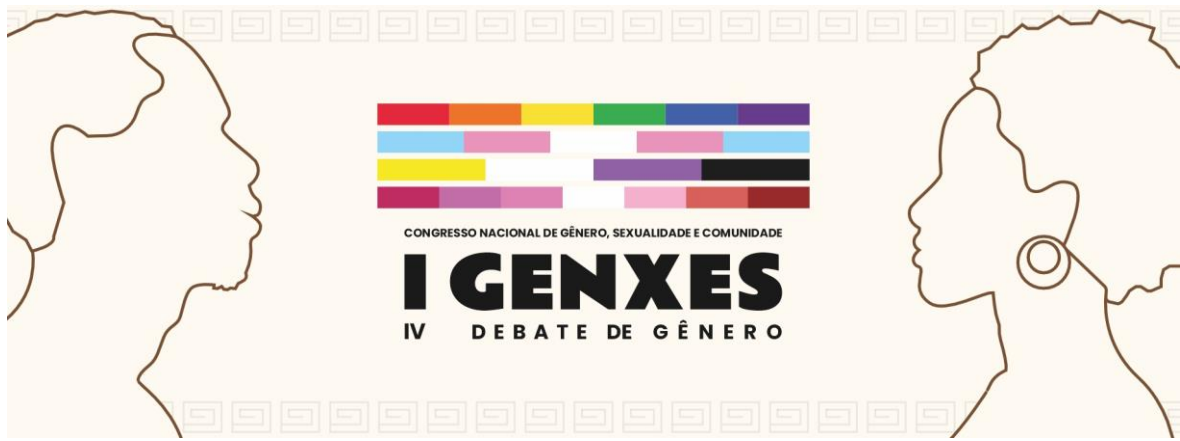
Cultura, Arte e Patrimônio das Mulheres e LGBTQIAPN+

Luciana Bessa Silva

Centro Universitário Doutor Leão Sampaio

luciana@leaosampaio.edu.br

RESUMO: Desde os primórdios, o pretense privilégio biológico colocou o gênero masculino em posição de destaque, e o gênero feminino em posição de subalternidade. Coube/Cabe aos homens escrever as leis e as grandes narrativas literárias de que temos conhecimento. Sem frequentar os bancos escolares/acadêmicos, sob pena de sofrerem algum “mal”, a educação das mulheres foi marcada pela precarização. No Brasil, embora seja um fenômeno mundial, ainda são os homens brancos e heterossexuais que continuam frequentando e se destacando no cenário político, econômico e social, salvo raras exceções, embora a Constituição Federal de 1988 em seu inciso 5º apregoe que “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. No que diz respeito ao campo literário, as vozes femininas ficam à margem, já que a produção literária de mulheres é vista com desconfiança pelas grandes editoras e pela crítica especializada, especialmente quando questionam as regras do que seria a boa literatura, ou discutem pautas como patriarcalismo e misoginia. É preciso compreender a literatura como um espaço de poder, tendo vista que literatura é linguagem e linguagem é poder. Ela faz parte de um contexto social, logo, é um produto visível nas livrarias e nas feiras literárias, estudada nas escolas, discutida em congressos/simpósios e pesquisada nas universidades. Gera, para além da atenção da crítica especializada e do leitor, lucros para o setor livreiro. Incomoda governos conservadores e autoritários. Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa é refletir sobre a importância da ocupação dos espaços literários para a legitimação da produção do gênero feminino. Falar dessa temática é relevante, porque traz à tona o silenciamento e a exclusão que as mulheres passaram ao longo dos séculos, como é o caso de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Amélia de Freitas Beviláqua (1860-1946), Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), Alba Valdez (1874-1962), entre outras. Tomemos como exemplo um dos espaços literários mais importantes do país - a Academia Brasileira de Letras (ABL) - fundada em 20 de julho de 1897. Criada a partir dos moldes da Academia Francesa (1635), a ABL permitia que apenas homens pudessem compô-la. Por sugestão de Lúcio de Mendonça (1854-1909), um dos idealizadores da agremiação, Júlia Lopes de Almeida, a escritora mais publicada da Primeira República, e que contribuiu para a concepção da ABL, deveria ser um de seus membros, contudo, os demais acadêmicos foram contra. A cadeira de nº 13 foi cedida ao marido dela,



o poeta português Filinto de Almeida (1857-1945). Em 1930, a inscrição de Amélia de Freitas Beviláqua foi vetada, quando resolveu concorrer a vaga que pertencia a Alfredo Pujol (1865-1930). Em 1970, Dinah Silveira de Queiroz, a primeira mulher a ser agraciada com o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra, confrontou o regimento (artigo 2º) da agremiação: somente “brasileiros homens” natos ou naturalizados poderiam ser membros da instituição. Após muitas pressões, em 1976, o veto ao gênero feminino na ABL foi derrubado e, no ano seguinte, Rachel de Queiroz (1910-2003), autora de **O Quinze** (1930), tornou-se a primeira mulher a fazer parte de seu quadro. Três anos depois, a autora de **A Muralha** (1954), Dinah Silveira de Queiroz se tornaria a segunda mulher a conseguir esse feito. Todas essas narrativas de silenciamento e exclusão ao gênero feminino justificam a escrita dessa pesquisa. Trata-se de um trabalho bibliográfico-exploratório em que recorreremos a autores como: Bourdieu (1989), Figueiredo (2002), Del Priore (2004), Delcastagné (2005), Lajolo e Regina Zilberman (2011), Fanini (2017) etc. As mulheres por décadas têm lutado pela igualdade de gêneros, pela atenção de grandes editoras e da crítica especializada. Apesar dos inegáveis avanços conquistados no meio literário nos últimos tempos, ainda é o gênero masculino que domina as premiações e os espaços culturais, como é o caso das agremiações, feiras, estante nas livrarias e salas de aula.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Poder; Espaços Literários.